

JAMES ALLEN

TU ÉS O MESTRE
DO TEU DESTINO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *Tu És o Mestre do Teu Destino*

Título original: *The Mastery of Destiny*

Autor: James Allen

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Catarina Cardoso / Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 469 716/20

1.^a edição: agosto de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

ÍNDICE

1. Atos, caráter e destino.....	9
2. A ciência do autocontrole	21
3. Causa e efeito na conduta humana.....	33
4. O treino da vontade	41
5. Meticulosidade	47
6. Construção da mente e da vida.....	53
7. O cultivo da concentração.....	63
8. A prática da meditação	75
9. O poder do propósito.....	85
10. A alegria da realização	89

*Escreve o Dedo Que se Move,
e, tendo escrito, Segue em frente:
e nem toda a Astúcia e Piedade
O aliciarão a anular meia linha
Ou as tuas Lágrimas
a apagar o que foi dito.*

Primeira Parte

ATOS, CARÁTER E DESTINO

EXISTE, e sempre existiu, uma crença generalizada na Sorte, ou no Destino, ou seja, num Poder eterno e insondável que atribui fins definidos a indivíduos e nações. Esta crença nasceu de uma longa observação dos factos da vida.

Os homens têm consciência de que existem certos acontecimentos que não podem controlar e não conseguem evitar. O nascimento e a morte, por exemplo, são inevitáveis, e muitas das ocorrências da vida parecem sê-lo igualmente.

Os homens esforçam cada um dos seus nervos para a realização de certos fins e, gradualmente, vão tomando consciência de um Poder que parece não ser deles e que frustra os seus débeis esforços, rindo, por assim dizer, do seu empenho e dos seus combates infrutíferos.

À medida que vão avançando na vida, os homens aprendem a submeter-se, mais ou menos, a este Poder dominante que não compreendem, percebendo apenas os seus efeitos em si mesmos e no mundo que os rodeia, e dão-lhe vários nomes, como Deus, Providência, Sorte, Destino, etc.

Os homens de contemplação, como os poetas e filósofos, afastam-se, por assim dizer, para observar os movimentos deste misterioso Poder à medida que este, por um lado, parece elevar os seus favoritos e, por outro, derrubar as suas vítimas, sem qualquer referência a méritos ou deméritos.

Os grandes poetas, sobretudo os dramáticos, representam este Poder nas suas obras, tal como o observaram na Natureza. Os dramaturgos gregos e romanos representam geralmente os seus heróis como tendo um conhecimento prévio do seu destino e tomando medidas para lhe escapar; mas, ao fazê-lo, envolvem-se cegamente numa série de consequências que provocam a ruína que tentavam evitar. As personagens de Shakespeare, por outro lado, são representadas, tal como na Natureza, sem qualquer conhecimento prévio (exceto na forma de pressentimentos) do seu destino específico. Assim, segundo os poetas, o homem, conheça ou não o seu destino, não pode evitá-lo, e cada ato seu, consciente ou inconsciente, é um passo na direção dele.

O Dedo Que se Move, de Omar Khayyam, é uma nítida expressão desta ideia de Destino:

*«Escreve o Dedo Que se Move, e, tendo escrito,
Segue em frente: e nem toda a Astúcia e Piedade
O aliciarão a anular meia linba
Ou as tuas Lágrimas a apagar o que foi dito.»*

Assim, homens de todas as épocas e nações sentiram nas suas vidas a ação deste Poder ou Lei invencível, e hoje, na nossa nação, esta experiência foi cristalizada no conciso provérbio «O homem põe e Deus dispõe».

Mas, contrariamente ao que possa parecer, existe uma crença igualmente generalizada na responsabilidade do homem enquanto agente livre.

Todos os ensinamentos morais são uma afirmação da liberdade do homem de escolher o seu caminho e moldar o seu destino: e os esforços pacientes e incansáveis que promove para a realização dos seus fins são declarações de consciência da liberdade e do poder.

Esta experiência dual, com o destino de um lado e a liberdade do outro, deu origem à infinita controvérsia entre os crentes no Fatalismo e os defensores do livre-arbítrio – uma controvérsia que foi recentemente ressuscitada sob a questão «Determinismo *versus* Livre-Arbítrio».

Entre extremos aparentemente divergentes, existe sempre um «caminho intermédio» de equilíbrio, justiça e compensação, que, embora inclua ambos os extremos, não se pode dizer que seja um ou outro, e

que os harmoniza a ambos; e este caminho intermédio é o ponto de contacto entre dois extremos.

A verdade não pode ser facciosa, mas é, por natureza, a Conciliadora dos extremos; e assim, na questão que analisamos, existe um «meio-termo» que coloca o Destino e o Livre-Arbítrio numa estreita relação, em que é, realmente, visível que estes dois factos incontestáveis da vida humana, pois é disso que se trata, não passam de dois aspetos de uma lei central, de um princípio abrangente e unificador, nomeadamente, *a lei da causalidade no seu aspeto moral*.

A causalidade moral necessita do Destino e do Livre-Arbítrio, da responsabilidade e da predestinação individual, pois a lei das causas tem de ser também a lei dos efeitos, e causa e efeito devem ser sempre iguais; o curso da causalidade, tanto na matéria como na *mente*, tem de estar eternamente equilibrado, sendo, pois, eternamente justo e perfeito. Assim, pode dizer-se que cada efeito é algo *predestinado*, mas o poder que predetermina é uma causa e não o decreto de uma vontade arbitrária.

O homem vê-se envolvido no curso da causalidade. A sua vida é feita de causas e efeitos. É sementeira e colheita. Cada ato seu é uma causa que tem de ser equilibrada pelos seus efeitos. Escolhendo a causa (isto é o Livre-Arbítrio), não pode escolher, alterar ou evitar o efeito (isto é o Destino); assim, o Livre-Arbítrio corresponde ao poder de dar início a causas, e o Destino é o envolvimento nos efeitos.

É, pois, verdade que o homem está predestinado a certos fins, mas foi ele mesmo (ainda que não o saiba) quem emitiu o mandado; essa coisa boa ou má da qual é impossível escapar, foi ele que a provocou com os seus próprios atos.

Pode aqui insistir-se que o homem não é responsável pelas suas ações, que estas são os efeitos do seu caráter, e que ele não é responsável pelo caráter, bom ou mau, que lhe foi dado ao nascer. Se o caráter lhe tivesse sido «dado» ao nascer, isto seria verdade, e não haveria então nenhuma lei moral nem qualquer necessidade de um ensinamento moral; mas os caracteres não são distribuídos já prontos, desenvolvem-se; são, na verdade, efeitos, produtos da própria lei moral, ou seja – resultado de ações. O caráter resulta de uma acumulação de ações que foram, por assim dizer, sendo amontoadas pelo indivíduo ao longo da sua vida.

O homem é o agente das suas próprias ações; como tal, é o criador do seu caráter; e, enquanto agente das suas ações e criador do seu próprio caráter, é ele quem molda o seu destino e lhe dá forma. Tem o poder de modificar os seus atos, e altera o seu caráter de cada vez que age; e, com a modificação do seu caráter para o bem ou para o mal, predetermina para si novos destinos – desastrosos ou benéficos, consoante a natureza dos seus atos. O caráter é o próprio destino; sendo uma combinação fixa de ações, contém em si os resultados delas. Estes resultados jazem escondidos como

sementes morais nos mais escuros recessos do caráter, à espera do seu período de germinação, crescimento e frutificação.

As coisas que assolam um homem são os reflexos dele mesmo; o destino que o perseguiu, e ao qual foi incapaz de escapar através do esforço ou não conseguiu evitar através da prece, era o espectro implacável das suas próprias más ações, exigindo e impondo a restituição; as bênçãos e maldições que lhe aparecem sem ser convidadas são os ecos reverberantes dos sons que ele mesmo enviou.

É este conhecimento da Lei Perfeita que atua através e acima de todas as coisas, da Justiça Perfeita que opera e se ajusta a todos os assuntos humanos, que permite ao homem bom amar os seus inimigos e erguer-se acima de todo o ódio, ressentimento e queixume; pois sabe que só o que é seu virá a si e que, ainda que esteja rodeado de perseguidores, os seus inimigos não passam dos instrumentos cegos de uma perfeita retribuição; e, assim, não os culpa, mas recebe calmamente o que lhe é devido e paga pacientemente as suas dívidas morais.

Mas não é tudo. Não se limita a pagar as suas dívidas; tem o cuidado de não contrair quaisquer dívidas adicionais. Está atento e torna as suas ações irreprensíveis. Ao mesmo tempo que paga dívidas malignas, vai guardando boas contas. Ao pôr fim ao seu próprio pecado, põe fim ao mal e ao sofrimento.

E agora consideremos como a Lei atua em casos específicos na construção do destino através do carácter e das ações. Primeiro, olharemos para esta vida atual, pois o presente é a síntese de todo o passado; o resultado líquido de tudo o que um homem alguma vez pensou e fez está contido nele. É notório que às vezes o homem bom falha e o homem sem escrúpulos prospera – facto esse que parece deixar de fora todas as máximas morais relativas aos bons resultados da retidão – e, por causa disto, muitas pessoas negam a atuação de qualquer lei justa na vida humana, chegando mesmo a declarar que são sobretudo os injustos que prosperam.

Ainda assim, a lei moral existe, e não é alterada ou subvertida por conclusões superficiais. Importa recordar que o homem é um *ser mutável, em evolução*. O homem bom nem sempre foi bom; o homem mau nem sempre foi mau. Mesmo nesta vida, houve um tempo, num grande número de casos, em que o homem que hoje é justo foi injusto; em que aquele que hoje é bondoso foi cruel; em que aquele que agora é puro foi impuro.

Em sentido inverso, houve, em vários casos, um período nesta vida em que aquele que hoje é injusto foi justo; em que aquele que hoje é cruel foi bondoso; em que aquele que agora é impuro foi puro. Assim, o homem bom que hoje é assolado por calamidades colhe o resultado da sua anterior sementeira maligna; mais tarde, colherá o feliz resultado da sua atual sementeira

benigna; por sua vez, o homem mau colhe agora o resultado da sua anterior sementeira de bem, e colherá posteriormente o resultado da sua atual sementeira de mal.

As características são hábitos fixos da mente, resultantes de ações. Um ato muitas vezes repetido torna-se inconsciente ou automático – ou seja, parece repetir-se sem qualquer esforço por parte do agente, pelo que lhe parece quase impossível não o fazer, tendo-se então tornado uma característica mental.

Eis aqui um homem pobre sem trabalho. É honesto e não é mandrião. Quer trabalho e não consegue arranjar-lo. Esforça-se por isso e continua a falhar. Onde está a justiça na sua sorte? Houve um tempo na condição deste homem em que trabalho não lhe faltou. Sentia-se sobrecarregado por ele; evitava-o e ansiava por sossego. Pensava em como seria encantador não ter nada para fazer.

Não reconhecia a bem-aventurança da sua sorte. O seu desejo de sossego está agora satisfeito, mas o fruto por que ansiava, e que julgou ter um tão doce sabor, transformou-se em cinzas na sua boca. Alcançou a condição que almejava, nomeadamente, não ter nada para fazer, e é aí que se vê compelido a permanecer até ter aprendido totalmente a sua lição.

E estará decerto a aprender que o sossego habitual é degradante, que nada ter para fazer é uma condição deplorável e que o trabalho é algo nobre e abençoado. Os seus antigos desejos e ações levaram-no

aonde está; e agora o seu atual desejo de trabalhar e a forma incessante como o busca e pede trar-lhe-ão, com igual certeza, o seu próprio resultado benéfico. Não desejando já a ociosidade, a sua condição atual não tardará, qual efeito cuja causa deixou de ser propagada, a desaparecer, e ele arranjará emprego; e, se toda a sua mente estiver agora concentrada no trabalho, e o desejar acima de todas as coisas, então, quando vier, ficará assoberbado; acorrerá, vindo de todos os lados, e ele prosperará na sua atividade.

Então, se não compreender a lei de causa e efeito na vida humana, perguntar-se-á por que razão vem o trabalho até si sem aparentemente ter sido procurado, enquanto outros que o buscam arduamente não o conseguem arranjar. Nada vem sem ser chamado; onde estiver a sombra, estará também a substância. O que vem ao indivíduo é o resultado das suas próprias ações.

Assim como a alegria na atividade conduz a uma maior diligência e a uma prosperidade crescente, e o trabalho evitado ou realizado com descontentamento conduz a um menor grau de trabalho e a uma prosperidade decrescente, o mesmo ocorre com todas as diferentes condições da vida tal como as vemos – são os destinos forjados pelos pensamentos e ações de cada indivíduo específico. Isso acontece também com a vasta variedade de caracteres – são o crescimento em maturação e amadurecido da sementeira de ações.

Tal como o indivíduo colhe aquilo que semeou, o mesmo sucede com a nação, que é uma comunidade de indivíduos. As nações tornam-se grandiosas quando os seus líderes são homens justos; caem e desaparecem quando os seus justos morrem. Aqueles que estão no poder dão um exemplo, bom ou mau, a toda a nação.

Grande será a paz e a prosperidade de uma nação quando surgir no seu interior uma linhagem de estadistas que, tendo-se firmado primeiro num carácter de sublime integridade, direccionarão as energias do país para o cultivo da virtude e o desenvolvimento do carácter, sabendo que só através da diligência, da integridade e da nobreza pessoal é que a prosperidade nacional pode avançar.

Ainda assim, a Grande Lei está acima de tudo, aplicando calmamente e com justiça infalível aos mortais os seus destinos fugazes, lacrimosos ou sorridentes, tecidos pelas suas mãos. A vida é uma grande escola para o desenvolvimento do carácter, e todos, entre contendas e dificuldades, vícios e virtudes, sucessos e fracassos, aprendem lenta mas seguramente as lições da sabedoria.